

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG
Instituto de Ciências da Natureza
Curso de Geografia – Licenciatura

Wender da Silva Vitor

**A ESCOLA NO CONTEXTO DE UM BAIRRO RURAL:
SABERES E VIVÊNCIAS RURAIS, EDUCAÇÃO DO
CAMPO E AGRICULTURA FAMILIAR**



Alfenas - MG

2021

Wender da Silva Vitor

**A ESCOLA NO CONTEXTO DE UM BAIRRO RURAL:
SABERES E VIVÊNCIAS RURAIS, EDUCAÇÃO DO
CAMPO E AGRICULTURA FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de **Licenciado** em Geografia pelo Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas- MG, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Rute do Vale.

Alfenas – MG
2021

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Rute do Vale, UNIFAL-MG

Msc. Alex Cristiano de Souza, UEMG.

Profa. Dra. Sandra de Castro Azevedo, UNIFAL-MG

Alfenas (MG), 26/03/2021

APROVADO

Resultado

“O geógrafo é, antes de tudo, um filósofo, e os filósofos são otimistas, porque diante deles está a infinidade.”

Milton Santos

Dedico a toda minha família, amigos, professores em especial a minha orientadora Ana Rute do Vale, aos moradores do bairro Rio do Peixe, aos membros da Escola Municipal Rio do Peixe II, e a todos que fizeram parte da minha história e estiveram comigo durante este trabalho, fase essa muito importante em minha vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus familiares que com a simplicidade de quem vive no campo, sempre acreditaram no meu potencial, me dando forças, apoio e carinho, durante esse processo tão especial em minha vida, me tornando o primeiro a estar cursando o ensino superior.

Aos amigos que me acompanharam em toda essa trajetória, conquistando um lugar único neste meu processo, Eveline, Mariana, Daniela, Gabriele, Rogério, Fabrício, Marcelo, Ricardo, Samara, Nathany, Luciana e a todos que de algum modo fizeram parte desta jornada. Em especial ao Rogério e a Caroline, pois sem a ajuda de vocês este sonho não se tornaria uma realidade.

A todos os profissionais de ensino que fizeram parte da minha jornada, contribuindo com meu aprendizado, me fornecendo uma formação crítica e emancipatória. Agradeço de maneira especial a professora Luceli Ongaro, por ser responsável pelo meu letramento, a Maria Rosane Rocha por despertar em mim toda uma inquietude e curiosidade para com a geografia me fazendo perceber o quão maravilhoso o ensino pode ser na vida de um aluno.

Sentimento mantido e revivido durante a graduação através das aulas da professora Sandra, que me ensinou para além dos conteúdos geográficos, conceitos e metodologias de ensino, mas me ensinou a ser forte, a não fugir da luta, ser crítico, questionar sempre que possível, a não render ao sistema e jamais desistir de um aluno, porque a geografia é capaz de transformá-lo.

E é dentro dessa transformação destaco e agradeço aos profissionais do curso que do seu modo contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional como futuro licenciado em geografia. Destaco aqui os professores; Estevan, Geovania, Natalino, Marta, André, e aos não mencionados também.

A ilustre professora, amiga e orientadora Ana Rute do Vale, por ter aceitado me orientar acreditando em mim e se mostrando sempre disposta a me ajudar, me aconselhando se preocupando e me mostrando que o caminho não é fácil, porém necessário. Agradeço por todos seus ensinamentos e puxões de orelha, pois foram graças a eles que consegui concluir esta fase tão importante em minha caminhada.

Agradeço também a E. M. Rio do Peixe II por ter sido a protagonista desta minha história, e por ter contribuído com minha formação inicial, destaco também a UNIFAL e o seu papel importante em minha formação.

Resumo

O bairro rural é uma escala geográfica que merece mais atenção por parte dos estudos de Geografia Agrária por trata-se de um espaço de relações e vivências que podem explicar a realidade do mundo rural brasileiro. Nesse sentido, a presença de uma escola nesse espaço pode ter uma importância muito grande para essa comunidade, não apenas pelo fato de oferecer educação aos filhos dos moradores, mas também porque, por meio de sua atuação pedagógica contribui para a valorização da cultura local. Esse é o caso da Escola Municipal Rio do Peixe II, situada no bairro rural de mesma denominação, no município de Três Corações-MG, na qual, embora não se adote a educação do campo, já desenvolveu projetos pedagógicos, que visaram dialogar com a comunidade rural, valorizando e respeitando sua cultura. Nesse sentido, essa proposta de pesquisa tem o intuito de compreender a importância da Escola Municipal Rio do Peixe II no contexto do bairro rural, sobretudo no que se refere ao resgate da cultura e valorização das vivências e saberes rurais. Embora na fase atual esses projetos não estejam mais sendo adotados pela escola, até mesmo antes suspensão das aulas presenciais, por conta da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), mesmo assim as entrevistas mostraram que ainda há preocupações em resgatá-los. Quanto ao bairro, percebe-se que há mudanças em curso, com a intensificação do êxodo rural, principalmente dos jovens, e venda das propriedades para novos moradores, utilizadas mais como chácaras de veraneio do que produtoras agrícolas.

Palavra-chave: Barrio rural; Escola rural; Educação rural; Agricultura familiar.

Resumen

El barrio rural es una escala geográfica que merece mayor atención por parte de los estudios de Geografía Agraria porque es un espacio de relaciones y vivencias que pueden explicar la realidad del mundo rural brasileño. En este sentido, la presencia de una escuela en este espacio puede ser muy importante para esta comunidad, no solo porque ofrece educación a los hijos de los residentes, sino también porque, a través de su actuación pedagógica, contribuye a la valorización de lo local. cultura. Este es el caso de la Escuela Municipal Rio do Peixe II, ubicada en el barrio rural de la misma denominación, en el municipio de Três Corações-MG, en el que, aunque no se adopta la educación rural, ya ha desarrollado proyectos pedagógicos, encaminados en dialogar con la comunidad rural, valorando y respetando su cultura. En este sentido, esta propuesta de investigación tiene como objetivo comprender la importancia de la Escuela Municipal Rio do Peixe II en el contexto del barrio rural, especialmente en lo que respecta al rescate de la cultura y la puesta en valor de las experiencias y conocimientos rurales. Aunque en la fase actual estos proyectos ya no están siendo adoptados por la escuela, incluso antes de la suspensión de las clases presenciales, debido a la pandemia del nuevo coronavirus (Covid-19), aun así las entrevistas mostraron que existen todavía está preocupado por rescatarlos. En cuanto al barrio, se observa que se están produciendo cambios, con la intensificación del éxodo rural, principalmente de jóvenes, y la venta de propiedades a nuevos vecinos, más utilizados como fincas de verano que como productores agrícolas.

Palabra-clave: Barrio rural; Escuela rural; Educación rural; Agricultura familiar.

Lista de ilustrações

Mapa 01 – Localização geográfica do Município de Três Corações...18	
Mapa 02 – Localização geográfica da Escola Municipal Rio do Peixe II no município de Três Corações-MG.....22	
Figura 01: Imagem de satélite da E. M. Rio do Peixe II, e do bairro Rio do Peixe, Três Corações-MG.....21	
Figuras 02, 03 e 04: Lavouras agrícolas no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações-MG.....35	
Figura 05: Igreja de São Pedro no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações-MG.36	
Figura 06: Alunos da Escola Municipal Rio do Peixe II em atividade extraclasse no campo de futebol do bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações- MG.37	
Figura 07: Estrada pavimentada no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações-MG.38	
Figura 08: Vista parcial da Escola Municipal Rio do Peixe II, no bairro rural Rio do Peixe, Três Corações-MG.....41	
Figura 09: Imagens de atividades do projeto Carroça Literária da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações- MG: charrete com livros (A) e apresentação musical (B).43	
Figura 10: Atividades com os alunos na horta da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações-MG.....44	
Figura 11: Oficina sobre recuperação de áreas de nascentes com os alunos da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações-MG..... 44	

Lista de tabelas

Tabela 01 – População residente por situação de domicílio conforme os censos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.....	19
Tabela 02 – Área plantada pelas principais culturas agrícolas no município de Três Corações-MG (2010).....	20
Tabela 03 – Número de alunos matriculados na Escola rural Rio do Peixe II e residentes no bairro rural Rio do Peixe, Três Corações- MG (2020).....	23

Lista de siglas

ACA – Ano do Ciclo Avançado

ANA – Agência Nacional de Águas

DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

PIB – Produto Interno Bruto

PNATE – Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SEE/MG – Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

UNINCOR – Universidade do Vale do Rio Verde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA.....	15
3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	17
3.1. Caracterização do município de Três Corações-MG.....	17
3.2. O bairro rural Rio do Peixe e a Escola Municipal Rio do Peixe II.....	21
4. BAIRRO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E ESCOLA RURAL.....	24
5. ESCOLA, VIVÊNCIA E PATRIMÔNIO: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA HISTÓRIA DO BAIRRO.....	33
5.1. A origem do bairro rural Rio do Peixe e sua fase atual.....	33
5.2. A chegada da Escola Municipal Rio do Peixe II e a importância para a comunidade.....	38
5.3. Projetos pedagógicos da escola municipal Rio do Peixe II: um caminho para a valorização da cultura rural?.....	42
5.4. Relação com o lugar: afetividades e vivências do rural e a escola como papel fundamental nesse contexto.	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7. REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS	
ANEXO 1 - Roteiro de entrevista com os moradores mais antigos do bairro rural Rio do Peixe - Três corações/MG.	52
ANEXO 2 - Roteiro de entrevista com professoras da E.M Rio Do Peixe II localizada no bairro rural Rio do Peixe - Três corações/MG.....	53
ANEXO 3 - Roteiro de entrevista com a diretora da E.M Rio Do Peixe II localizada no bairro rural Rio do Peixe - Três corações/MG.....	54

1. INTRODUÇÃO

O bairro rural e, sobretudo a educação implementada nas escolas rurais, tem sido um tema ainda pouco pesquisado na Geografia, embora em muitos municípios brasileiros, crianças e jovens frequentem essas instituições de ensino. Nesse sentido, torna-se importante compreendermos o papel dessa escola não apenas na vida desses alunos, como também no contexto socioespacial no qual essas escolas se inserem, ou seja, nas comunidades dos bairros rurais. Esses espaços são estruturados a partir de um grupo de moradores próximos com relações interpessoais, onde há união coletiva em relação às questões econômicas, sociais, culturais e ambientais, tornando dinâmica as estratégias de organização e reprodução deste espaço em prol de melhorias.

A presença de escolas no espaço rural é de fundamental importância para população residente, embora cada vez mais elas estejam sendo fechadas, sobretudo nas regiões Sudeste e Sul do país, onde o êxodo rural, ao esvaziar o campo, diminui a necessidade de escolas rurais. Além disso, tem o fato de que os custos com transporte das crianças e jovens rurais para escolas na cidade podem ser bem menores do que manter uma escola no campo, segundo apenas a lógica capitalista.

É importante lembrarmos que o êxodo rural no Brasil está relacionado não apenas à modernização do campo e à concentração fundiária, mas sobretudo às políticas agrícolas e agrárias que muito pouco contribuem para o desenvolvimento da agricultura familiar, responsável por, pelo menos, 70% da produção de alimentos no país. Como, de modo geral, ela está presente em muitos bairros rurais pelo Brasil a fora, a tendência também é o esvaziamento desses espaços, uma vez que as dificuldades de se manter na agricultura, vem comprometendo a sucessão geracional.

Sem saída, as populações que vivem nesses bairros migram para a cidade, fazendo com que os jovens que ali residiam percam sua identidade com o lugar de origem, e assim pouco a pouco até mesmo as escolas que resistiram a essas transformações também são ameaçadas a fecharem suas portas devido à baixa demanda de estudantes nessas áreas ou ainda limitando-se a um currículo engessado e totalmente urbano, negando ao aluno sua própria história.

No entanto, existem ainda muitos bairros rurais, que apesar de algumas mudanças na atualidade, mantém sua vida social, por meio de equipamentos, como igrejas, pequenos comércios, campo de futebol e escolas rurais. Caso este, da Escola Municipal Rio do Peixe II, objeto de estudo dessa pesquisa que está localizada no bairro rural Rio do Peixe, no município

de Três Corações-MG que, cuja história se mistura com a história do próprio bairro e que, por meio de projetos pedagógicos buscou valorizar a cultura rural.

O bairro rural pesquisado neste trabalho, que serve de pano de fundo para esta abordagem, no qual será levado em conta tanto a sua organização social, econômica, quanto às transformações decorrentes de sua modernização.

A partir do exposto, esse trabalho pretende compreender a importância da Escola Municipal Rio do Peixe II no contexto do bairro rural, sobretudo no que se refere ao resgate da cultura e valorização das vivências e saberes rurais. Para tanto, os objetivos específicos foram: resgatar a história do bairro rural Rio do Peixe, destacando a implantação da Escola Municipal Rio do Peixe II; analisar a relação entre a escola e os moradores do bairro rural, para compreender o papel que essa instituição de ensino representa nesse espaço; verificar se há uma preocupação da escola com relação à educação do campo e mostrar projetos pedagógicos desenvolvidos pela escola para valorizar a cultura do bairro e; apontar perspectivas para o futuro do bairro rural Rio do Peixe e da Escola Municipal Rio do Peixe II, a partir da conjuntura atual.

A pesquisa em questão faz-se necessária no sentido de pensar a escola no contexto do bairro rural, pela perspectiva da educação do campo, como um elo de ligação de crianças e jovens ao meio rural. Trata-se de refletir sobre a importância que uma escola pode ter para uma comunidade rural, mesmo quando adota um currículo meramente urbano, preocupa-se com os elementos sociocultural daquele espaço geográfico. Assim, torna-se necessário o entendimento dos processos educacionais que abarcam a cultura e os saberes locais, adjunto às especificidades do bairro rural Rio do Peixe, que colaboram para a identificação da versatilidade de conhecimentos sobre como esse espaço é vivenciado e entendido pelos alunos da Escola Municipal Rio do Peixe II.

A proposta de uma educação no campo que deve ser vinculada à comunidade e a valorização de seus saberes é o primeiro passo para que se torne possível a criação de propostas que possam beneficiar uma melhor educação no campo, com metodologias específicas.

A escolha dessa temática tem o intuito de fomentar a discussões sobre a importância de uma educação contextualizada e as formas com a qual a ciência geográfica pode analisar e contribuir de modo eficaz para o melhor entendimento das especificidades espaciais e educacionais do campo brasileiro, uma vez que há um descompasso entre a educação do campo e o cotidiano das crianças na unidade de produção familiar. Esse tema é ainda pouco

explorado no Brasil, sobretudo na Geografia Agrária, fato que nos motivou a nos embrenhar nessa empreitada investigativa.

Em vista disso, será apresentado a seguir, a sistematização deste estudo investigativo, o qual inicia-se com a caracterização geral do município de Três Corações e do bairro rural Rio do Peixe, de modo a apresentar a área de estudo da pesquisa.

Em seguida, temos um referencial teórico a respeito dos conceitos chave desta pesquisa sendo eles lugar, território, bairro rural, educação do campo e agricultura familiar a fim de elucidar a trajetória do bairro e da escola, atrelado ao ensino e sua importância ao lugar no qual está inserida.

Essa também contará com um breve histórico do município e da escola rural, para na sequência, apresentar as principais características da escola rural e do bairro na sua atualidade e, como este interfere no cotidiano de seus moradores a fim de apresentar conclusões satisfatórias para esta pesquisa, a fim de relacionar a agricultura familiar educação rural com o êxodo rural e a permanência dos indivíduos deste bairro no campo, a fim de compreender a relação da escola com o mesmo, destacando o porquê muitos destes jovens optam pelo urbano.

A partir de conhecimento prévio sobre o bairro rural Rio do Peixe, uma vez que estudei na escola local, será apresentada a história do bairro Rio do Peixe e, diante da problemática apresentada por meio de algumas visitas de campo e entrevistas realizadas com moradores antigos e professoras, trataremos nesse item da caracterização do bairro, sua origem e situação atual no qual discutiremos a importância do bairro e sua relação com a escola.

Ademais, o presente estudo analisou a relação espacial existente entre o bairro e escola, pautada na relação com o lugar, a fim de associá-los com a agricultura familiar e a permanência ou não do jovem no campo, por meio de projetos pedagógicos e da valoração curricular, realizando um resgate histórico-cultural do bairro e da escola, evidenciando um estudo embasado nas relações sociais e de pertencimento, trazendo à tona a importância do cotidiano rural na vida das pessoas que vivem nessas localidades.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa, pautada nas relações cotidianas embasadas no conceito de lugar, com aporte no materialismo histórico, enfatiza-se as dimensões históricas, culturais e sociais, se tornando significativo para a abordagem das categorias: lugar e território, promovendo uma estruturação dos mesmos através do que se obteve nas entrevistas e dos materiais analisados, a fim de entender como esses cotidianos, acabam por definir essas categorias que influenciam na realidade existente no bairro.

Iniciou-se esse trabalho a partir de pesquisa e revisão bibliográfica referentes aos temas agricultura familiar, bairro rural, educação do campo, por meio de livros, artigos publicados em anais, revistas e eventos científicos, teses, dissertações e outras fontes de informação, em meio eletrônico. Tal revisão foi fundamental importância na compreensão da temática discutida ao longo do trabalho.

Concomitante, foram buscados dados secundários junto à Prefeitura do Municipal de Três Corações-MG, Secretaria de Educação de Três Corações-MG, secretaria da Escola Municipal Rio do Peixe II e também a sites oficiais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Um ponto importante a cerca do progresso da pesquisa foram as visitas realizadas ao bairro rural Rio do Peixe, nas quais foi possível buscar informações a cerca da história, projetos pedagógicos desenvolvidos, na secretaria e biblioteca da escola Municipal Rio do Peixe II. A partir dessas informações, foram realizadas entrevistas com a diretora atual da escola e com 3 professoras que lecionam na instituição de ensino. Por conta da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e a conseqüente suspensão das aulas presenciais, as entrevistas com as mesmas foram realizadas em conversa pelo aplicativo Whatsapp, a partir de um roteiro pré-estabelecido (anexo 2) sendo que depois foram transcritas e inseridas no texto desse trabalho. Outro ponto seria o acompanhamento de algumas aulas, análises do material didático e acompanhamento dos projetos desenvolvidos pela escola que não foram cumpridos devido à pandemia.

Durante essas visitas também foram entrevistados 3 moradores, que nasceram e vivem no bairro a mais de 60 anos e que relataram sobre a história e a fase atual do lugar, também com um roteiro pré-estabelecido (anexo 1).

Ressalta-se que, a princípio, a proposta era entrevistar os agricultores familiares do bairro, que são pais de alunos da escola, para compreender a realidade vivenciada pelo grupo

familiar e o reflexo da educação recebida pelas crianças na escola. No entanto, diante da pandemia, preferimos não nos arriscar, nem arriscá-los em visitas presenciais.

Dessa forma, a partir do embasamento teórico, das informações levantadas, os dados coletados organizados, analisados e entrevistas transcritas e, produziu-se e um relatório de pesquisa, cujas conclusões obtidas são aqui apresentadas.

3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

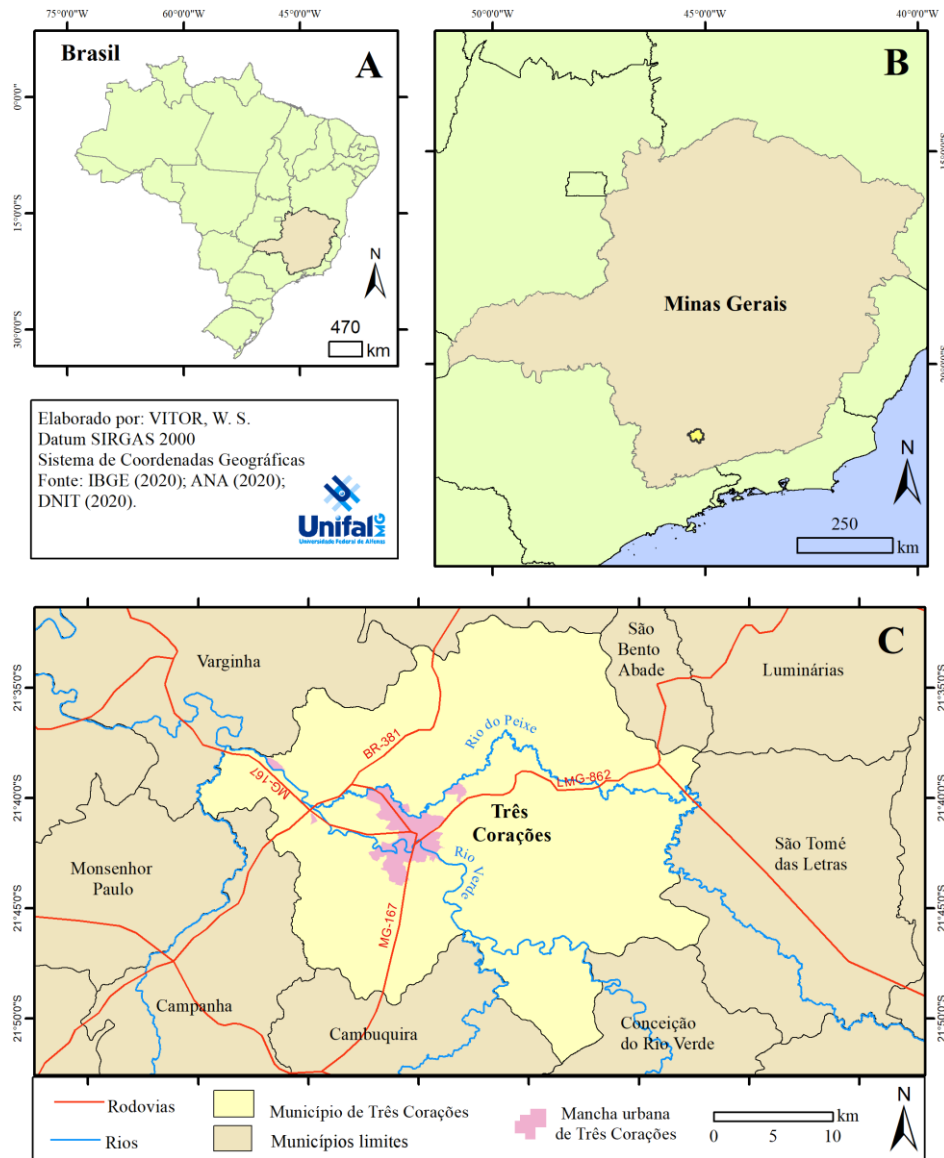
Antes de falarmos diretamente da Escola Municipal Rio do Peixe II, faz-se necessário caracterizar, primeiramente o município de Três Corações e, conseqüentemente, do bairro rural Rio do Peixe.

3.1. Caracterização do município de Três Corações-MG

O município de Três Corações está situado na mesorregião Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais, e na microrregião de Varginha (mapa 1). Apresenta uma latitude de 21° 41' 49" S; longitude de 45° 15' 12" W, com uma altitude de 864m e uma área de 828,1 Km². Situando-se na Bacia do Rio Grande, sendo banhado pelos rios, Verde, do Peixe, Palmela e Lambari, além de vários ribeirões e córregos. (IBGE, 2010).

Limita-se ao Norte com os municípios de Varginha e Carmo da Cachoeira, ao Sul com os municípios de Conceição do Rio Verde e Cambuquira, a Leste com os municípios de São Bento Abade e São Tomé das Letras e a Oeste com os municípios de Campanha e Monsenhor Paulo. A topografia é representada pelas serras da Onça, do Palmital, do Jurumim entre outras, tendo seu ponto culminante na serra das Ninfas, aos 1.200 m de altitude. (PREFEITURA DE TRÊS CORAÇÕES, 2018).

Mapa 1: Localização geográfica do município de Três Corações-MG.



Fonte: IBGE; ANA; DNIT (2020). Elaborado por Wender da Silva Vitor (2021).

O município possui uma população total de 72.765 pessoas, e uma densidade demográfica de 88,88 hab./km², sendo que a população urbana representa 90,4%, com 65.826 habitantes e a rural, 9,6%, com 6.939 habitantes (IBGE, 2010) e população estimada de 80.032 pessoas (IBGE, 2020). Esses dados mostram o alto grau de urbanização, resultante do processo de êxodo rural, que marca a realidade da maioria dos municípios da mesorregião. Verifica-se, portanto, que nos últimos quarenta anos sua população total dobrou (106,83%), sendo notório um aumento da estimativa urbana que quase triplicou (156,90%) e a rural diminuiu em 3.000 habitantes (27,4%). Essa evolução como pode ser observada na tabela 01.

Os ônus do processo de urbanização de Três Corações já estão a interferir no dia a dia da Cidade e de seus habitantes como pontos de retenção do trânsito e congestionamentos em horários de pico; ocorrência de alagamentos e deslizamentos pela ocupação de áreas impróprias; presença de áreas de vulnerabilidade social e de habitação precária; insegurança pública são exemplos de deseconomias urbanas indesejáveis que a afetam (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES; INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL, 2017, p.79).

Tabela 01: População residente por situação de domicílio conforme os censos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Ano	Situação de domicílio					
	População rural	%	População urbana	%	População total	%
1970	9.557	27,1	25.623	72,9	35.180	100
1980	8.215	22,7	36.167	77,3	44.382	100
1991	7.911	16,1	49.134	83,9	57.045	100
2000	6.872	11,7	58.419	88,3	65.291	100
2010	6.939	9,6	65.826	90,4	72.765	100

Fonte: IBGE – Censo Demográfico – Dados da amostra, 2010. Organizada por Ana Rute do Vale (2021).

Com relação aos aspectos econômicos, o município de Três Corações tem seu Produto Interno Bruto (PIB), por renda per capita, de R\$ 28.056,22, comparando com outros municípios do estado de Minas Gerais, ocupa a posição 118º no mesmo, e a 2ª posição na sua microrregião, composta no total por 16 municípios. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TRÊS CORAÇÕES, Plano Decenal, 2015. p. 14)

No que se refere às atividades agropecuárias, a pecuária tem grande destaque na participação econômica do município, por meio de seu rebanho leiteiro e gado de corte, sendo o gado leiteiro um dos melhores do Estado. A agricultura também possui forte expressão no município, tendo as culturas do café, milho, soja, trigo e batata inglesa grande expressão econômica, seguindo-se em menor escala as de feijão, arroz e frutas regionais (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES, 2018). Essas informações são perceptíveis na tabela 02, o qual mostra a área plantada por essas culturas, na qual se confirma que a maior parte das terras agrícolas do município são ocupadas pelo milho (46,41%) e café (41,61%).

Tabela 02: Área plantada pelas principais culturas agrícolas no município de Três Corações-MG (2010).

Cultura produzida	Área Plantada (ha)	%
Milho	121.220	46,41
Café	108.670	41,61
Feijão	20.000	7,66
Batata inglesa	6.450	2,47
Soja	3.240	1,24
Cana de açúcar	440	0,17
Mandioca	413	0,16
Arroz	327	0,13
Laranja	210	0,08
Tomate	118	0,05
Banana	80	0,03
Uva	15	0,01

Fonte: IBGE (2010) – IPEADATA REGIONAL AGROPECUARIA.

Segundo informações coletadas no Plano Municipal Decenal de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Três Corações, em 2014, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal era de 0,780. De acordo com a classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TRÊS CORAÇÕES, 2015).

A indústria também possui sua contribuição, embora essa ainda não seja tão expressiva, contribui para o município que dispõe de um Distrito Industrial, localizado às margens da Rodovia Fernão Dias (BR-381), no qual procura atrair investimentos de grandes empresas. O setor mineral também se destaca a exploração da pedra São Tomé, de grande aplicação no ramo de construção civil. Além disso, possui uma atividade comercial bastante significativa, tanto atacadista como varejista (PREFEITURA DE TRÊS CORAÇÕES, 2018).

Embora o Município, mantenha atualmente produção agropecuária importante, desenvolveu atividade comercial e industrial, em especial de serviços, de maior peso no PIB municipal e na geração de postos de trabalho, função da presença de importante infraestrutura de transporte, no passado, ferroviária, hoje rodoviária, denotando a influência do fator logístico da Região Sul e do Município, localizado às margens da Rodovia Fernão Dias, na dinâmica populacional quanto ao local de domicílio (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES; INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2017, p. 61)

3.2. O bairro rural Rio do Peixe e a Escola Municipal Rio do Peixe II

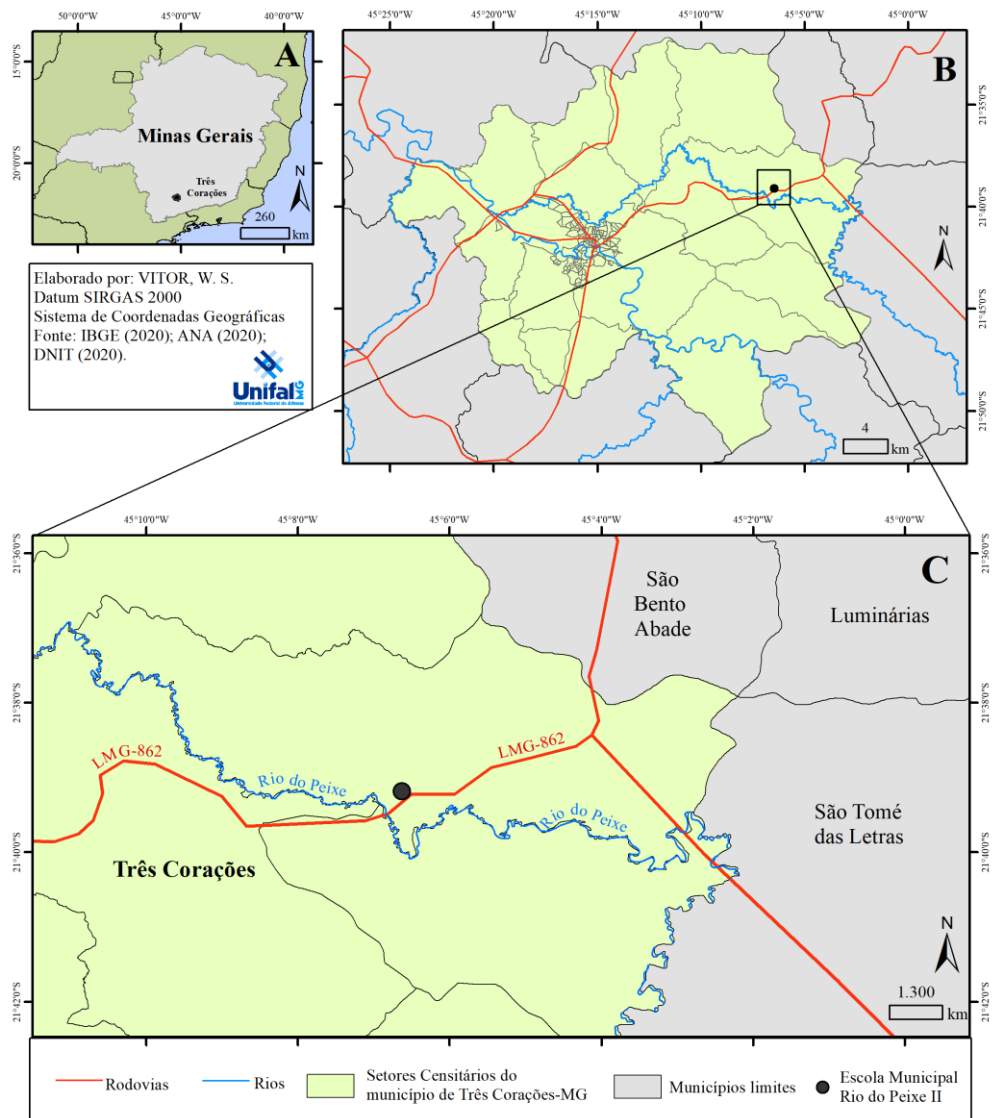
Quanto ao espaço rural do município, apesar de sua população ser minoritária, conforme já mencionado, alguns bairros rurais ainda concentram parte dessas pessoas, como uma vida social bastante intensa. Esse é o caso do Rio do Peixe, caracterizado pela presença da agricultura familiar, boa parte de famílias oriundas do próprio bairro (figura 01). Também é nele que está localizada uma das quatro escolas rurais do município, a Escola Municipal Rio do Peixe II, situada às margens da rodovia MG-862, importante rota por ligar os municípios de Três Corações, São Bento Abade e São Thomé das Letras (mapa 2).

Figura 01: Imagem de satélite da E. M. Rio do Peixe II, e do bairro Rio do Peixe, Três Corações - MG.



Fonte: <https://www.google.com/maps>. (2020)

Mapa 2: Localização geográfica da Escola Municipal Rio do Peixe II no município de Três Corações-MG.



Fonte: IBGE; ANA; DNIT (2020). Elaborado por Wender da Silva Vitor (2021).

Além dos moradores do bairro Rio do Peixe, a referida escola também atende outras 20 comunidades rurais do município, entre elas: Boa Esperança, João XXIII, Barra Mansa, Fazenda dos Costas, Mafra, Vargem Alegre, Capoeira Grande. Dessa forma, a escola se tornou uma sede nuclear da região, com 237 alunos e 23 funcionários, o que no ano seguinte passaria para 300 alunos e 32 funcionários. Em 2020, a escola possuía 115 alunos matriculados, sendo apenas 12 residentes do bairro, distribuídos por todas as séries do ensino fundamental (tabela 03). Esses dados podem indicar que o bairro está sofrendo um processo de esvaziamento da população residente.

Tabela 03 - Número de alunos matriculados na Escola rural Rio do Peixe II e residentes no bairro rural Rio do Peixe, Três Corações- MG (2020).

Período/ano	Idade (anos)	Número de alunos
2º período	5	1
3º ano	8	1
4º ano	8 e 9	2
5º ano	9 e 10	2
6º ano	10	1
7º ano	11 e 12	2
8º ano	13	2
9º ano	14	1
Total	-	12

Fonte: Secretaria da E.M. Rio do Peixe II.

Ressalta-se que as demais escolas rurais que “sobreviveram” em Três Corações são: E. M. Nelson Rezende Fonseca, na Fazenda Taquaral, a E. M. Orlando Rezende Andrade, localizada na fazenda do Barreiro e a E. M. Professora Oneida Junqueira, na fazenda Cobiça.

Ao que se refere a educação ofertada no rural, o município teve boa parte de suas escolas fechadas realizando assim o que chamamos de nucleação das escolas, na qual uma mesma instituição atende variados bairros e comunidades, concentrando seus alunos em uma única escola, caso este da E.M. Rio do Peixe II e das demais escolas rurais citadas, e que inda permaneceram abertas.

4. BAIRRO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E ESCOLA RURAL

Ao se estudar as localidades existentes no campo denominadas como bairros rurais, muitos são os vieses e perspectivas discutidos e analisados. Desse modo, nessa sessão, o intuito é compreender como se dá o processo de formação dos bairros rurais e como esses estão distribuídos no campo, podendo estes transitar entre diferentes contextos linhas de abordagens, que contribuem para a construção de um olhar mais crítico sobre o tema em questão. Cabe ressaltar que para isso discutiremos outros conceitos fundamentais da geografia, sendo eles, lugar e território, com base em uma análise conceitual geográfica e também sociológica.

Segundo Thiesen (2011), a geografia pode aparecer para indagar sobre as formas de resistências, podendo oportunizar na valorização da realidade em que vivem, e que a partir desse entendimento possam intervir de algum modo nesses espaços.

O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização. Os lugares extrapolam uma base física e espacial para assumir uma condição cultural, humana, subjetiva e política. Entram em jogo as representações que os sujeitos fazem dos lugares e o sentido que atribuem aos mesmos. (THIESEN, 2011, p.88)

Nesse sentido, Halley (2014) considera como um lugar, os bairros rurais, independente de suas vertentes, matizes de interpretação e ou processo de formação. Esses surgem de uma vivência coletiva e comum, no qual estes são carregados de características e particularidades que os marcam, sendo eleito e demarcado territorialmente pelo sentimento coletivo dos seus moradores

De acordo com o referido autor, a palavra bairro no dicionário brasileiro da língua portuguesa apresenta dois verbetes, no qual o primeiro é relativo a cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou vila, e o segundo, a aspectos interioranos do pequeno povoado, arrabalde ou arraial, este encontrado nos aglomerados rurais situados no interior do estado de Minas Gerais (ibidem).

No âmbito da geografia, uma das primeiras a discutir, os bairros rurais e suas localidades, os conceituando como uma célula de comunidade social não morfológica foi a geógrafa Nice Lecocq-Müller, em 1946. Segundo a autora, os bairros rurais surgem, formados por habitações que se encontram dispersas, porém, suficientemente próximas, estando atrelados a presença de elementos característicos, desse modo de vida do meio rural,

como laços de parentesco ou de vizinhança, que reforçam a presença de escolas, igrejas ou capelas, campinhos de futebol e até mesmo pequenos comércios a fim de atender seus moradores (HALLEY, 2014,).

Bombardi (2004, p. 56), faz uma leitura de maneira diferente, pelo fato de buscar entender os bairros rurais não apenas como uma parcela de residências com certo grau de isolamento e entrosamento entre os indivíduos que ali residem. Neste sentido, segundo a autora, “o bairro rural também pode ser compreendido como uma unidade territorial criada a partir da identidade territorial”. Os bairros rurais se estruturam, então, de acordo com as limitações e atribuições dos seus moradores, pois são esses quem os delimitam e os atribui a função de bairro, atrelados a uma perspectiva afetiva e cultural na qual perpassa de variadas significações, de acordo com as suas singularidades que são conferidas pela dialética do cotidiano existente (ibidem).

Desse modo, baseado nos estudos da Geografia Agrária, com relação a bairros rurais e apresentados por Bombardi (2004) mostram que, além do tratamento especial, esse conceito também merece uma leitura diferenciada capaz de entender suas singularidades, uma vez que, este fornece elementos importantíssimos para a interpretação e a análise da realidade do campo. Além disso, a autora destaca também que o território é fruto das relações sociais que se estabelecem no espaço ao longo do tempo, no qual competem características próprias aos bairros rurais, como visto no bairro Rio do Peixe.

Ainda com o enfoque na sua definição, Schimidt (1951) apud Halley (2014, p. 579) coloca que o bairro rural pode ser entendido como

um lugar, uma área qualquer, com características mais ou menos próprias”, podendo ser “um vale, uma cabeceira ou nascente de algum ribeirão, uma praia [...]. É o povo que lhe dá o nome e determina, com limites mais ou menos imprecisos, a área abrangida pelo mesmo.

A princípio, os bairros rurais eram definidos e estudados partindo de um viés sociológico no qual eram analisados, partindo de agrupamentos rurais encontrados no estado de São Paulo. Direcionando o seu enfoque na forma de dispersão das habitações, nos aspectos concernentes ao uso do solo e na relação do lugar com o espaço circundante (HALLEY, 2014, p.579).

[...] Desde os primeiros estudos, o bairro é definido como um espaço vivido e sentido pelos seus moradores em sintomáticas e variadas relações interpessoais, normalmente exercitadas nos pontos de encontro mais significativos da população (igreja, praça, escola etc.). E ainda, um grupo de

vizinhança disperso, portador de características marcantes, e, por conseguinte, reveladoras de uma identidade particular aceita por aqueles que ali vivem.

O lugar retratado pelo autor pode ser compreendido, como uma parcela do local no qual se estabelecem relações e as torna aptas ao convívio humano, independentemente de suas funcionalidades ou atribuições, é onde corpos transitam e se tornam parte daquele todo coletivo, expondo suas identidades e as tornando uma só (ibidem).

Ademais, com base em estudos como esses a respeito do lugar e influenciado por Yi-Fu Tuan, Souza (1989, p. 148), argumenta que “[...] qualquer bairro, é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva/intersubjetiva, e estas duas dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma à outra ao longo do processo histórico”.

Para além da dimensão territorial os bairros rurais também são definidos como um espaço vivido dando margem para o campo da subjetividade existente ali. Isso se dá pelo fato de o próprio cotidiano apresentar dialéticas, ou seja, o mesmo é composto de singularidades que se convergem e coexistem dando aquele lugar funções, interpretações, concepções e sensações diferentes o que também os caracteriza como lugar (ibidem).

Dando a paisagem uma nova forma, através da noção de pertencimento que aquele lugar pode ser redefinido e ressignificado pelo seu público através do que é vivido e de que forma é vivido por meio das relações de poder, característica essa que dá a esse espaço a função de território.

Moreira e Hespanhol (2008, p.49) argumentam que:

A apreensão teórica do lugar enquanto um espaço vivido e uma construção socioespacial vêm ao encontro das reflexões sobre os bairros rurais e as mudanças (sociais, econômicas, culturais e políticas) que ocorrem em seu interior, sobretudo em virtude do crescimento das atividades sem vínculos agrícolas.

Ainda nesse contexto, as autoras destacam o lugar como sendo o principal conceito pra definir os bairros rurais, uma vez que, este dá conta de explicar a dimensão subjetiva e noção de pertencimento que estes indivíduos possuem com aquele local. “Um exemplo ilustrativo refere-se aos bairros rurais, pois, mesmo diante das mudanças sociais, econômicas e espaciais, os indivíduos guardam na memória o passado e incorporam o sentimento de pertencimento ao lugar.” (ibidem 2007, p. 52)

Deste modo bairros rurais podem ser compreendidos como, “lugares como condição da vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites).

Trata-se, portanto, de um espaço palpável, real e concreto – extensão exterior, o que é exterior a ‘nós’, e ao mesmo tempo interior” (CARLOS, 2001, p. 36). A autora considera, ainda que “o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora, produzindo a identidade” (ibidem, p.40).

Já para Raffestin (1993. p.160), apud Bombardi (2004, p.57), o “território é, portanto, materialização e espelho das relações sociais. Entendo que o tripé espaço, tempo e relações sociais tem seu elo neste último elemento.” Destaca-se que esta conceituação não se limita apenas em definir o território, mas busca atribuir ao mesmo toda uma bagagem capaz de retratar o cotidiano daqueles que vivem no campo por meio da subsistência e da agricultura familiar possuindo um grau de sociabilidade com os demais moradores daquela localidade, a transformando, assim, num território de um bairro rural.

O bairro rural pode ser lido como um território por apresentar uma sociabilidade entre essas três vertentes, o que dá a este local função de bairro e o caracteriza moldando assim a história daquele bairro uma vez que essa unidade territorial possui dupla função, a de cultivo, mas também a das relações sociais. (BOMBARDI, 2004)

Para Santos (2002) apud Medeiros e Robl (2013, p.174).

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence; é a base do trabalho, da moradia, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi. Dessa forma, quando se fala em território deve-se entender logo que se fala de território usado, utilizados por determinada população.

Os bairros rurais são compreendidos como unidades territoriais, quando o mesmo passa a possuir uma sociabilidade, fruto das relações cotidianas existentes naquele espaço, por meio da identidade territorial, que dá forma ao bairro e o caracteriza de acordo com seus moradores. Sendo na unidade de produção que as relações sociais se transmutam em territoriais, dando a este o sentimento de pertencimento (BOMBARDI, 2004).

Partindo desse princípio, para a referida autora concebe que o bairro rural

[...] é na realidade uma célula de comunidade social onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro... o pequeno proprietário sitiante, embora crie um povoamento disperso, está preso a certa unidade - o bairro - que corresponde a certo fator geográfico

que o torna distinto: a proximidade das casas e uma relativa concentração. Este fato é importante porque não se trata de uma dispersão em que o sítio está isolado, em que suas relações com o meio só poderiam contar com recursos individuais (BOMBARDI, 2004, p. 59).

Como destaca a autora, os bairros rurais possuem elementos importantes para sua história e desenvolvimento, dentre eles temos a escola ou mesmo a igreja, instituições essas responsáveis pela sociabilidade de seus integrantes, garantindo ao bairro uma função social.

Nesse sentido, Fernandes (1972) apud Moreira (2007, p. 47) ressalta como um elemento importante na definição do limite territorial do bairro rural é o “sentimento de localidade, ou seja, o sentimento de pertencer a um lugar”, considerando que os residentes mantêm relações sociais. “Esse sentimento de localidade está reforçado pela presença da igreja, da escola, da venda, enfim, de elementos que permitem reforçar a coesão social entre os moradores do bairro”.

Todavia, Candido (2003) mostra que a partir da influência de novas técnicas de produção e produtos, advindos do mundo urbano, os bairros rurais estão transformando e modificando seu modo de vida, as visões rudimentares de lidar com a terra, sua autonomia, uma produção cada vez mais destinada à venda, a economia de mercado. Assim, “a incorporação à economia capitalista altera as posições na estrutura tradicional e possibilita a definição de outras, fora dela” (ibidem, p.233). Essa influência da urbanização no campo e, mais especificamente nos bairros rurais se reflete no tipo de educação ofertada pelas escolas rurais brasileiras. Nesse sentido, Rodrigues (1991) apud Oliveira Júnior (2015, p.11), atenta para o fato de que

a escola rural está profundamente distante da realidade do trabalho e da vida dos agricultores, uma vez que a educação tem sido utilizada pelas classes dominantes para manter a classe trabalhadora subordinada aos seus interesses. E que por esta razão a escola rural continua hoje como sempre esteve, à mercê de modelos urbanos, distantes das necessidades de trabalho e da produção da vida camponesa e até mesmo de seus valores básicos mais profundos. Revela, assim, a necessidade de pesquisas e estudos que consigam abordar o conhecimento espacial e suas particularidades em uma escala de análise detalhada, a fim de propor abordagens distintas em função de características geográficas e sociais adversas fruto da divergência espacial e cultural.

Callai (2013, p. 26) reforça essa ideia ao ressaltar a importância da vivência escolar na vida dos alunos. “Refletir sobre escola, cotidiano e lugar nos reporta a pensar no mundo da vida e na criança inserida nele e a escola passa a fornecer as ferramentas para que ela o interprete [...]. Nesse sentido, cotidiano e lugar passam a ser conceitos importantes na

aprendizagem escolar”. Do mesmo modo, Costa e Santos (2011, 74-75), afirmam que historicamente a educação do campo foi marcada pela desvalorização da cultura camponesa, no que se refere aos seus saberes, fazeres e modo de vida. Sendo assim, as escolas rurais tendem a adotar a educação da cidade, reforçando a ideia de que a vida na cidade é melhor que no campo.

A agricultura familiar é uma particularidade dentro de um bairro rural, em razão da presença desse tipo de exploração nas atividades desses moradores, sendo também “a atividade responsável pela manutenção e sustentabilidade econômica deles, garantindo sua sobrevivência num contexto de exploração das terras, marcado pela grande propriedade” (OLIVEIRA, 2006, p. 9).

Tomaremos aqui a definição de agricultura familiar, a partir das seis características básicas estabelecidas por Gasson e Errington, (1993, p. 20) apud Moreira (2008, p. 33), que são: “1) a gestão é feita pelos proprietários; 2) os responsáveis pelo empreendimento estão ligados entre si por laços de parentesco; 3) o trabalho é fundamentalmente familiar; 4) o capital pertence à família; 5) o patrimônio e os ativos são objetos de transferência intergeracional no interior da família e; 6) os membros da família vivem na unidade produtiva”. Seguindo nesse mesmo sentido, Wanderley (1996, p.2) acrescenta a isso o fato de que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. Enquanto que Carneiro (2008) acrescenta que a agricultura familiar é também uma unidade que sustenta uma rede de relações sociais diversas e estas não podem ser reduzidas apenas as relações de trabalho. Tais relações sociais são estabelecidas no contexto dos bairros rurais, a escala geográfica dessa pesquisa.

Abramovay (1997), coloca que é muito comum e ao mesmo tempo errôneo associar a agricultura familiar com produção de baixa renda ou mesmo com o plantio de subsistência, colocando esses produtores em situação de miséria, destacando ao mesmo tempo as grandes extensões territoriais, desenvolvidas por trabalhadores assalariados como a expressão mais acabada do desenvolvimento agrícola. “Enquanto perdurar a crença de que a agricultura familiar é, por definição, um tema de interesse puramente “social” e que sua expressão produtiva tende a ser desprezível, será difícil mudar a imagem de que o destino do campo é fatalmente o esvaziamento social” (ibidem, p.73).

Voltando à questão da escola rural e partindo do conceito de lugar com o viés nas relações afetivas vivenciadas pelas famílias, abordaremos de que modo o currículo da escola

rural e a educação do campo são importantes para a valorização do rural fortalecendo a sua noção de pertencimento com a localidade em pesquisa.

Ao se pensar a educação no rural, muitos são os desafios enfrentados por estes alunos entre elas a dificuldade de acesso às escolas e falta de infraestrutura dessas instituições, o que ocasiona no fechamento de muitas escolas e também no êxodo rural. Isso porque, no dizer de Wizniewsky (2013), não há uma preocupação por parte de órgãos governamentais destinados a educação brasileira, voltados em estudar e entender as necessidades existentes no campo.

Costa; Santos (2011, p. 74-75) afirmam que:

A educação do campo em nosso país é marcada por um processo histórico de desvalorização da cultura do homem do campo, de seus saberes, de seus fazeres, de seu modo de vida. Os modelos de educação da cidade são repetidos nas escolas rurais, contribuindo para que os sujeitos do campo busquem cada vez mais viver nas cidades. A educação que acontece no campo tem papel estratégico ao longo da história brasileira, ora de fixar o homem no campo, ora de instrumentalizá-lo para atender à chegada das novas tecnológicas de produção.

Segundo as autoras muitas das escolas situadas no rural se constitui sob uma ótica pensada no homem do rural, mas não por ele. Esta escola, que se localiza no campo, não pertence ao campo, à medida que seus sujeitos não fazem parte dela. Para Caldart (2000) apud Wizniewsky (2013), trata-se de uma escola no campo e não do campo.

Visto posto, muitas das políticas aplicadas no campo são adaptações ou meras transposições do urbano, o que torna difícil a sua efetivação e aplicabilidade de forma concreta. Nesse sentido, a procura por políticas públicas capazes de atender aos interesses do campo carecem de ser contínuas, não se limitando somente a produção e ou comercialização de produtos, mas também, por alternativas que sejam capazes de atender a outras demandas no âmbito da saúde, educação lazer e ao transporte (MEDEIROS e ROBL, 2013).

Dentro desta ótica de valorização do campo, cabe ressaltar a importância da educação, pois é pelo seu viés que ocorrerá a manutenção de sua cultura, de suas tradições e de seus saberes, pautados na vivência do homem do campo. O que significa a necessidade de escolas rurais se voltarem à realidade do sujeito do campo e de sua realidade local. (ibidem)

no intuito de fortalecer o rural auxiliando no desenvolvimento das famílias que ali residem e favorecendo a educação do campo, ainda possui traços conservadores e tradicionais, pautados numa perspectiva mercadológica e empresarial do campo ligado ao agronegócio (WIZNIEWSKY, 2013).

Evidenciando deste modo, um desencontro entre a escola e a comunidade, fato este comum entre as políticas públicas, que em sua trajetória herdaram uma visão de valorização do urbano como central, deixando o campo como plano secundário marginalizando suas instituições de ensino e desqualificando os ensinamentos por estas ofertadas. (ibidem)

Para Medeiros e Robl (2013), ao se abordar a temática de escolas rurais, deve-se levar em conta alguns pontos importantes dentre eles o futuro dos espaços rurais, as políticas de gestão do território e a finalidade da existência de escolas rurais. Como destacam, (2013, p. 176).

Para o poder público a escola rural representa um desafio, uma vez que ao longo dos anos foi uma das preocupações do Estado em virtude do esvaziamento do campo e dos custos para sua manutenção. Por esta razão é que devemos considerar que a manutenção de escolas no meio rural deve tomar como base três pontos importantes: A existência da escola rural deve partir da compreensão do mundo rural em sua totalidade; O poder público deve ter a certeza de que a escola rural é uma instituição cujo papel de produção social contribui ativamente para a revitalização das zonas rurais; As escolas no meio rural, muitas vezes pequenas com suas características muito próprias, contribuem para a “reinvenção” de práticas pedagógicas e educativas que permitem ultrapassar os limites inerentes da educação tradicional (ibidem, p. 176).

Torna-se importante, para essa interpretação embasado nas falas das autoras, a respeito de educação campo, que a “escola no meio rural é muito mais do que um espaço de escolarização; é, em muitos casos, a referência entre a comunidade” (WIZNIEWSKY, 2013, p. 166).

Para Caldart (2002) apud Wizniewsky (2013), construir uma escola no rural que de fato exerça sua função social e estabeleça um contato com o cotidiano existente a fim de ensinar em seu currículo uma educação que de fato seja para o campo é uma tarefa difícil, uma vez que construir uma escola do campo significa “estudar para viver no campo [...] pensar a escola desde o lugar e os seus sujeitos; combinar estudo com trabalho, com cultura, [...] A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino [...]” (ibidem, p. 35).

Portanto, segundo Medeiros e Robl (2013), para se construir uma educação na escola rural, é necessário que de antemão se tenha uma compreensão do campo como o lugar onde vivem os sujeitos do campo, tendo este como sinal de vida, de trabalho, de cultura e de relações sociais.

Partindo dessas teorias, passaremos ao nosso estudo de caso, mostrando os resultados da pesquisa documental, trabalho de campo e entrevistas.

5. ESCOLA VIVÊNCIA E PATRIMÔNIO: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA HISTÓRIA DO BAIRRO

Originária pelo esforço dos moradores, tendo suas aulas ministradas em estábulos e até mesmo no salão de uma capela, surge a escola Municipal Rio do Peixe II que a princípio tem como objetivo atender aos moradores dos arredores, e que posteriormente se tornaria referência, para outras comunidades, assim se inicia a trajetória desta instituição.

A escola está situada no bairro Rio do Peixe que é palco para a abordagem e investigação desta pesquisa, na qual vislumbra entender sua história, em paralelo com a história da escola, elemento este de destaque dentro da pesquisa, pois a mesma é importante peça para a história do bairro e para a escrita deste trabalho.

5.1. A origem do bairro rural Rio do Peixe e da escola e sua fase atual

De acordo com informações coletadas em documentos da escola e por meio de informações de moradores mais antigos, o bairro recebe este nome devido ao rio que o corta, “Rio do Peixe”, sendo este muito importante na região e, mais especificamente para o bairro é utilizado para pesca, irrigação e demais atividades provindas desse corpo hídrico como agricultura e para a dessedentação animal.

Outra versão a respeito do nome do bairro e que, posteriormente, daria nome à escola é contada pelos moradores mais antigos do bairro, sendo alguns deles descendentes de negros, que foram escravizados na região no período colonial.

Acredita-se que antes mesmo do bairro poderiam existir grandes fazendas nessa região, sendo estas responsáveis pela vinda de moradores ao local. O que explica o surgimento do bairro, pois, segundo Cruz (2009), a origem dos bairros rurais se apresenta de maneira diferente a de uma colônia, por possuírem enfoques distintos dentro da organização social e no sistema de produção, esses surgem entre as fazendas com as mais variadas arquiteturas e diversidades culturais a fim de representar a identidade de seus moradores.

[...] Nos locais onde há mais fazendas de café, encontramos menos bairros e mais colônias. As colônias, como concentrações de casas pertencentes à fazenda, dão conta de abrigar a mão de obra que nela trabalha. Nos bairros a população tem autonomia para trabalhar onde quiser: em sua própria propriedade, ou prestar serviço ao vizinho, como ocorre na época de colheita de café-meses de maio a setembro (ibidem, p. 26).

Tais características puderam ser observadas ao longo da pesquisa, dando a este a denominação de bairro, pois, muitas são as histórias a respeito do nome do bairro e da escola. Uma delas diz respeito a uma lenda contada por moradores mais antigos, segundo a qual, certa vez, alguns pescadores foram ao rio pescar, e de repente ouviram um barulho estrondoso muito alto, como se alguém estivesse dentro do rio. Ao olharem, os pescadores se depararam com uma pequena criatura, com aspectos de um homem pequeno e negro, tendo braços e mãos muito curtas e um copo coberto por pelos, e com apenas olho em sua face. A criatura nadava tão rápido quanto um peixe, que apavorou os pescadores e moradores da região. (NOSSA ESCOLA, s.d.)

Passado alguns dias, outra moradora do bairro ao cruzar a ponte do rio, avistou novamente a criatura, dessa vez, segundo relatos, a mesma se encontrava sentada entre as pedras com os seus pés submersos na água, este apresentava as mesmas características descritas pelos pescadores. Apavorados os moradores se questionavam se era realmente a mesma criatura, para alguns, aquele seria um caboclo d'água, ser místico do folclore brasileiro, defensor das águas e dos peixes, que apavora pescadores em diversas regiões do país (ibidem).

Muitas são as perguntas que nos ficam a respeito dessa história, porém os moradores mais antigos afirmam a existência dessa criatura no rio, o que, segundo eles, atribuiria o nome ao rio e posteriormente ao bairro e à escola. Lenda ou não, muitas são as histórias desse local, onde focaremos na criação e trajetória da escola para o bairro e o seu impacto nas famílias que ali residem.

Com base no material fornecido pela escola em complemento com as informações obtidas por meio das entrevistas, revela-se a importância do bairro e para os moradores a sua origem dentro do bairro, destacando aspectos importantes e evidenciando o processo de formação dessa localidade.

O bairro teve sua formação provinda de familiares, que nele se instalaram a fim de se sustentarem por meio da agricultura, onde aos poucos começaram a produzir determinados tipos de culturas, predominando a agricultura familiar, produtora de alimentos, como milho, feijão, arroz, tomate e hortaliças, além da produção de leite e seus derivados. Embora esteja inserido em uma grande região produtora de café, essa cultura não é tão representativa no bairro, sendo cultivada em poucas propriedades. No entanto, alguns moradores se empregam na colheita de café em propriedades de bairros vizinhos.

A princípio eram somente os familiares que moravam ali no bairro, avós pais e filhos, todos criados no bairro. Me mudei pra cá enquanto criança. Meus pais veio morar aqui para trabalhar aqui perto na panha de café e pra mexer com leite. Aqui fomos criados. Não tinha muita gente era só nós, as famílias mesmo. De primeiro aqui era muito difícil não tinha escola, não tinha água no cano, era de mina. Nós não tinha luz nas casas, era no lampião. Depois que foi vindo morar mais gente pra cá, e aí foi aumentando as casas aqui. Agora tem muita casa ali em cima. Os filhos (*de moradores vizinhos*) foi vendendo as terras e foi vindo mais gente mora aqui (ENTREVISTADA 2).

Aqui no bairro, antigamente, funciona uma cooperativa que fabricava queijo e vendia mantimentos para nós. A gente também fazia muita barganha, trocávamos carne, galinhas ovos, feijão leite com os outros moradores. A gente vive principalmente da roça. Nós mexe com retiro de leite, faz queijo, plantava arroz, feijão, melancia, abóbora, milho de pipoca, mandioca, inhame, cana, batata-doce, árvores frutíferas e amendoim. Com o tempo, a gente foi mudando um pouco de cultura. Hoje a gente planta milho, trigo, aveia, soja e tomate e continua mexendo com leite (ENTREVISTADO 1).

Na fala do último entrevistado fica claro que se trata de um agricultor familiar, que produz para o mercado, mas também para o autoconsumo. A paisagem do bairro Rio do Peixe revela um pouco dessas características agrícolas, com cultivo bastante variado (figuras 02, 03 e 04).

Figuras 02, 03 e 04: Lavouras agrícolas no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações-MG.



Fonte: Arquivo pessoal (fevereiro de 2020).

No centro do bairro há a existência de duas igrejas, a de denominação católica, (Igreja São Pedro) (figura 05), e a outra evangélica, (Congregação Cristã do Brasil), mostrando a força da religião cristã nos espaços rurais, em especial a católica na qual sua história está atrelada à origem da escola. O que torna nítido a forte relação dos moradores com a mesma, seja pelo vínculo religioso ou pela bagagem afetiva relacionada com o surgimento da escola, cujo salão de festas já serviu como sede para variadas eventos da escola, ocasionalmente sendo usado como sala de aula.

Figura 05: Igreja de São Pedro no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações- MG.



Fonte: Arquivo pessoal (fevereiro de 2020).

Torna-se nítido, nesse caso, que as relações estabelecidas no espaço rural, passam por ressignificações, uma vez que esses indivíduos que ali vivem são influenciados por elementos existentes no espaço. Um exemplo disto é a escola, ou até mesmo a igreja, que exercem papéis importantes para história do bairro, por meio de convívio social e identidade do bairro local.

Conforme Cândido (1971) apud Costa e Oliveira (2005, p. 1) o bairro rural deve ser compreendido como “uma unidade social intermediária entre o grupo familiar e outras formas mais complexas de solidariedade social”, no qual esses vizinhos se reúnem “para trabalhos de ajuda mútua e participam de festejos religiosos locais, não compreendendo, necessariamente, uma divisão administrativa”. Essa participação dos moradores do bairro nos festejos religiosos ocorre por conta da existência de uma capela “consagrada a determinado santo”, embora esses também possam ocorrer nos ambientes domésticos (terços, rezas). O autor supracitado, mas em edição mais recente de mesma obra, conclui que “o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades” (CANDIDO, 2003, p.51).

Como pode ser visto por meio de relato dos moradores a respeito da importância da igreja nas comemorações festivas religiosas, sendo esta responsável por sediar festas típicas da população rural como destacam os entrevistados:

Antigamente, tinha festa de Santos Reis. A gente ia nas casas, rezávamos terço, tinha festa do dia das crianças, que era celebrada na Igreja. Eram legais, reunia todo mundo, a gente conversava, tinha comidas, bingo, mas agora raramente acontecem (ENTREVISTADO 1)

A gente se reunia sempre nas casas para fazer as novenas, rezar os terços, benzer as crianças. Era muito bom! Nós cantava na igreja, tinha festa da Nossa Senhora, dia de Reis. As famílias era muito unida. Nós sempre ia nas festas e na igreja (ENTREVISTADO 2).

Tem a festa de São João, né? As festas junina. Todo ano a festa acontecia na igreja lá em cima e aí a gente fazia uma festança. Às vezes tinha na casa de algum vizinho aqui, sabe? Aí gente reza terço, faz oração pro Santo, tem a fogueira, as comidas. Uma delícia! Faz novena pra Nossa Senhora, canta música pra fazer oração. Cada época, a santinha fica na casa de uma família. Tem missa também. Então, nós é muito devoto, sabe? (ENTREVISTADA 3).

Há também um campo de futebol, no qual, além de proporcionar o lazer aos moradores do bairro, por meio dos jogos, também são realizadas variadas atividades recreativas pela população local, bem como pela escola, na realização de gincanas, piqueniques, entre outras atividades extraclasse (figura 06).

Figura 06: Alunos da Escola Municipal Rio do Peixe II em atividade extraclasse no campo de futebol do bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações- MG.



Fonte: Arquivo pessoal Luceli Ongaro (2013).

Já com relação à infraestrutura, as ruas do bairro não são pavimentadas, a não ser aquela da bifurcação que liga a rodovia MG-862 à Escola Municipal Rio do Peixe II (figura

07). As casas são abastecidas por energia elétrica e água encanada, proveniente de poços artesianos e cisternas particulares.

Figura 07: Estrada pavimentada no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações- MG.



Fonte: Arquivo pessoal (fevereiro de 2021).

Como não há posto de atendimento médico no bairro, a não ser para consultas odontológicas esporádicas, oferecidas pela prefeitura, por meio de parceria com a secretaria de saúde e a Universidade do Vale do Rio Verde (UNINCOR). O atendimento destina-se aos estudantes, sendo esse feito em gabinete dentro da escola.

Essa população, em caso de necessidades médicas, tem de deslocar-se para a sede do município - distante 19,6 km - para buscar esse e outros tipos de serviços, sobretudo o comércio, já que nesse “centro” do bairro existe apenas um bar, mas que funciona somente aos finais de semana, para atender ao público do futebol e demais moradores que se reúnem para conversar. Como a linha de transporte público responsável por esse traslado apresenta poucos horários disponíveis, os moradores dependem de automóveis particulares ou de “caronas” para esse deslocamento.

5.2. A Escola Municipal Rio do Peixe II e sua importância para a comunidade

Ressalta-se que as informações contidas no mesmo são providas de relatos da diretora ou moradores por meio de entrevistas, materiais impressos coletados na escola e pesquisa de campo a fim de obter material suficiente para analisar a instituição aqui pesquisada.

Por muito tempo houve a tentativa em construir uma escola naquela comunidade, a cerca de mais de 50 anos, pois as primeiras turmas de alunos assistiam aulas em ranchos ou nos barracões de fazendeiros da redondeza. Segundo informações coletadas, até mesmo um estabulo “curral” já teria sido utilizado como sala de aula, antes da criação da escola.

Muitos foram os lugares utilizados a princípio para ensinar os alunos moradores do bairro e região. Mas, a escola não possuía continuidade devido à falta de uma sede fixa. Esse problema só foi solucionado anos depois, por meio da lei municipal nº 773/69, datada de 26/03/1969, na qual se estabeleceu a criação da escola, sem interrupções, na comunidade, pelas portarias de Nº 82/77 e de nº 1192/92 de 16/02/02 da SEE/MG.

O primeiro prédio utilizado pela escola era pequeno, mas muito importante para as famílias locais, que agora possuíam um local de estudo dos anos iniciais do ensino fundamental, onde os estudantes em sua maioria cursavam até a então chamada 4ª série, e depois iam auxiliar os pais nas tarefas do dia a dia.

Inicialmente e, por um bom tempo, a escola funcionou na capelinha de São Pedro, que com o tempo viria a se tornar a igreja do bairro. A merenda fornecida aos alunos era preparada na residência de uma das moradoras do bairro, devido à falta de infraestrutura para a realização da mesma no local de ensino. Sendo assim, a sopa era feita e os alunos ficavam encarregados de ir buscá-la, e servi-la no pátio da capela ao ar livre. Essa informação foi obtida por meio do relato de uma das moradoras do bairro entrevistadas, que foi a primeira cozinheira que por muitos anos ficou responsável pela alimentação dos alunos. Ela nasceu e reside no bairro até os dias atuais, onde se casou e criou todos seus filhos e netos, sendo que boa parte deles estudaram ou ainda estudam na escola.

Aqui, no início não tinha escola, quando eu era criança, depois que começou a ter aula ali numa casinha no “Sirvão”. Aí, eles fizeram uma escolinha lá e começaram a dar aula para as crianças, ali em baixo onde era uma venda. De primeiro, tinha só uma capelinha lá no alto onde depois construiu a igreja de São Pedro, que era onde tinha as missa e começou funciona a escol. Daí as criança começou a estudar lá na igrejinha. Era as criança tudo junta. Eu fazia a sopa para eles tomar. Minhas criança tudo estudava lá, e depois ajudava em casa e nas lavoura (entrevistada 2).

O mais interessante nesse processo é que, antes mesmo dessa escola ser fundada ou de ter suas aulas ministradas na capela, esta possuía o registro de ter tido uma primeira sede a Rio do Peixe I, datada em 19/11/1951, escola esta que por um tempo foi utilizada pelos moradores da região, até o seu fechamento e a criação da sua 2ª sede a Rio do Peixe II em 1969.

As primeiras turmas ainda nas dependências da capela estudavam em classes multisseriadas que, de acordo com Medardo (2012, p. 140) “buscam agregar todos os alunos matriculados na unidade escolar independente dos níveis de aprendizagem em uma mesma sala, que por sua vez tem como responsável (na maioria das vezes) um único professor, o qual fica responsável por sua estruturação em serie/ano/ciclo”. Essa prática era muito comum nas escolas rurais no passado, embora ainda existam em algumas regiões do país, sobretudo naquelas onde podem ocorrer falta de professores para atuar nas áreas rurais. No caso da referida escola as aulas em classes multisseriadas foram ministradas pela professora Ângela Maria Borges, que começou a lecionar ali no ano de 1983, atuando com sua irmã, que posteriormente viria a se tornar diretora, Maria José Borges (NOSSA ESCOLA, NOSSA HISTÓRIA, s.d.).

No ano seguinte, devido ao aumento na demanda das famílias para que seus filhos frequentassem a escola, um dos moradores do bairro, o senhor Antônio Marciano da Costa, conhecido como “Tuca”, doou um terreno ao lado da capela onde seria construído o novo prédio da escola, capaz de comportar adequadamente os alunos. Nesse período, a escola ainda contava com o modelo multisseriado e as professoras eram as irmãs Ângela Maria e Maria José Borges, as mesmas enfrentavam jornadas árduas de trabalho, pois não dispunham de transporte para levá-las à escola, sendo assim, as mesmas viajavam sobre o caminhão leiteiro, de carona até chegar à escola. O mesmo ocorria com os alunos que não possuíam transporte, tendo esses que andar quilômetros enfrentando as dificuldades para chegarem à escola. (ibidem.)

Com o tempo, aquela primeira construção singela ao lado da igreja sofreu modificações e, em 1990, devido ao fechamento das escolas localizadas nas comunidades vizinhas, a escola do bairro Rio do Peixe passa a ser uma centralidade, e tem sua edificação ampliada, ganhando assim um refeitório, 2 banheiros, um consultório odontológico e o calçamento de seu pátio. Algo que para a época e para os moradores foram grandes conquistas, sendo motivo de festa na comunidade (ibidem).

Posterior a essa ampliação, em 1994 a escola passa por mais uma reforma, e outra sala é construída, a fim, de atender as demais comunidades rurais do seu entorno. Com isso, em 2000, a mesma já contava com 3 salas de aula funcionando, 1 refeitório/cozinha, 2 banheiros e uma sala para a secretaria, além disso a escola também contava com um pomar, horta, jardim e o pátio. Nessa época, escola já possuía 92 alunos regularmente matriculados e não funcionava mais com classes multisseriadas, ou seja, cada turma contava com uma professora

responsável por cada turma, além de contar com 11 funcionários, entre eles alguns residentes no bairro (ibidem)

Após 2 anos de sua última mudança, em 2002 é implementada na mesma a extensão de séries, desse modo a escola que antes possuía até a 4ª série, agora passou a contar com o Ensino Fundamental completo contendo dos anos iniciais aos finais, até a antiga 8ª série, ou Segundo Ano do Ciclo Avançado, (2ºACA) que antes não era ofertado aos alunos fazendo com que esses não completassem o ensino básico. Nesse mesmo ano a escola passou por reformas, ganhando mais 4 salas de aula, biblioteca e laboratório de informática, graças ao incentivo a educação e políticas públicas da época (ibidem). A figura 08 representa a escola após as transformações citadas.

Figura 08: Vista parcial da Escola Municipal Rio do Peixe II, no bairro rural Rio do Peixe, Três Corações- MG.



Fonte: E. M. Rio do Peixe II (2020)

A gestão da escola permanecia nas mãos das irmãs Borges, que por muito tempo lideraram a equipe pedagógica da instituição, promovendo diversos projetos pedagógicos ligados ao rural, entre eles alguns que se destacam pelo viés agroecológico e de resgate a cultura do campo e preservação ambiental. Como exemplos, projetos voltados para o reflorestamento da nascente da escola, a horta escolar e o pomar que, por muito tempo serviu como complemento na merenda escolar e também abasteceu varias famílias ali residentes. (NOSSA escola, nossa história. Três Corações: Escola Municipal Rio do Peixe II. Impresso, s.d.)

Ao longo do tempo muita coisa mudou naquela instituição, sendo que a professora e também diretora, Ângela Maria Borges foi remanejada para outra escola rural do município, a Escola Municipal Oneida Junqueira, conhecida como Cobiça, devido ao seu excelente trabalho e dedicação ao ensino, e então sua irmã passa dirigir sozinha a escola. (NOSSA escola, nossa história. Três Corações: Escola Municipal Rio do Peixe II. Impresso, s.d.)

A escola passou por muitas transformações em seu espaço, muitas foram tidas como conquistas a comunidade escolar, como é o caso da melhoria no oferecimento da merenda escolar através do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar –, reformas em seu prédio e também a chegada do transporte escolar para funcionários e alunos, por meio do Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (PNATE). No entanto, essas modificações acabaram por intervir em sua característica inicial mais voltada para os projetos mais ligados a agricultura e cuidado ao meio ambiente, pois o pomar da escola com o tempo deixa de existir, posterior a ele a horta também perde espaço para a nova cozinha, e por fim uma parte do jardim é retirado para a construção de uma nova sala da diretoria, características essas que promoveram uma descaracterização dessa instituição. (NOSSA escola, nossa história. Três Corações: Escola Municipal Rio do Peixe II. Impresso, s.d.)

Cabe destacar que essas transformações não ocorreram do dia para a noite, foi um processo lento, de descaracterização ao longo do tempo, mas que concomitante a ele muito se fez nessa escola. Dentre os feitos temos registros de projetos extra turnos para os alunos, como: cafés comunitários, reuniões da família, apresentações culturais, palestras e projetos de ordem social e ambiental, como a revitalização e reflorestamento da nascente responsável por abastecer a escola, a fim de conscientizar a comunidade ali residente e celebrações festivas como arraial entre outras.

5.3. Projetos pedagógicos da escola municipal Rio do Peixe II: um caminho para a valorização da cultura rural?

Embora essa escola apresente em seu currículo, abordagens destinadas a um ensino pautado nas questões voltadas ao espaço rural, ou seja, a denominada educação do campo, uma de suas características é a elaboração e aplicação de projetos culturais como o “Carroça Literária: semeador leitura e colhendo cultura”. Projeto esse que visa o resgate da cultura do campo e do folclore brasileiro, além de auxiliar no incentivo à leitura e na visitação as comunidades assistidas pela escola, contribuindo para o resgate histórico-cultural das comunidades rurais e para a promoção e incentivo à educação das crianças e adolescentes

residentes nesse e em outros bairros rurais de Três Corações (figuras 9A e 9B). (NOSSA escola, nossa história. Três Corações: Escola Municipal Rio do Peixe II. Impresso, s.d.)

Figura 09: Imagens de atividades do projeto Carroça Literária da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações- MG: charrete com livros (A) e apresentação musical (B).



Fonte: Arquivo pessoal Luceli Ongaro (2013).

Além disso, o referido projeto, também busca fortalecer por meio do resgate da imaterialidade dos patrimônios locais e das relações afetivas com o lugar, resgatar tradições perdidas ao longo do tempo, e levá-las de volta ao cotidiano dos alunos e seus familiares. Esse se dá por meio de diversas representações e manifestações, bem como; (cantigas de roda, números musicais, de dança, poesia, teatro, contação de história, cafés comunitários e outros). Trazendo aos moradores das áreas rurais um pouco mais sobre sua história, como forma de estimular o hábito da leitura entre eles.

Desse modo, cria-se a indagação a respeito da escola, e seus projetos, a fim de elucidar se a mesma ainda possui um viés destinado a valorização do mundo rural, pois, em 2016, a mesma teve como projeto principal, "A Educação para o Campo na sala de aula", destacando a importância do "trabalhador rural, profissional que impulsiona a economia do nosso país. No qual se tinha como objetivo a valorização e o respeito com o sujeito do campo em todos os sentidos: linguagem, hábitos, costumes, tradições, crenças, religião e em toda a sua cultura em geral. No entanto se passaram cinco anos desde abordagem deste tema, pela instituição o que nos abre margem para questionar se tais praticas ainda são presentes na escola. (<http://trescoracoes.mg.gov.br/index.php/portal-da-educacao/8409-06-05-2016-e-m-rio-do-peixe-carroca-literaria>)

Outrora a escola já possuiu em seu currículo abordagens mais efetivas no que tange à educação pautada no rural - mas não necessariamente educação do campo propriamente dita - uma vez que trazia em seu Projeto Político Pedagógico, práticas voltadas à realidade do sujeito do campo. Elas eram representadas, seja por meio de atividades lúdico pedagógicas ministrados pelo corpo docente, ou mesmo em práticas cotidianas, como a horta na escola (figura 10) Além disso, também havia práticas de conservação ambiental, por meio de oficinas de educação ambiental, recuperação de nascentes (figura 11) ou cartilhas sobre cuidados com o lixo e descarte adequado.

Figura 10: Atividades com os alunos na horta da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações- MG.



Fonte: Arquivo pessoal Luceli Ongaro (2013).

Figura 11: Oficina sobre recuperação de áreas de nascentes com os alunos da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações- MG.



Fonte: Arquivo pessoal Luceli Ongaro (2013).

Importante ressaltar que a escola também oferece oficinas de danças, teatro, capoeira, pinturas e outras atividades extracurriculares. Essa é uma forma de dialogar com a comunidade rural a qual está inserida, por meio de atividades diversificadas, a fim de realizar um resgate sociocultural do bairro e da identidade de seus alunos.

Obviamente, que o melhor seria que o ensino da Escola Municipal Rio do Peixe II fosse realmente voltado para a educação do campo, abordando conceitos e metodologias de modo a contribuir para que esses alunos se orgulhem de pertencer a esse espaço e não se sintam motivados para migrarem para a cidade. Isso porque boa parte desses alunos vivem em unidades de produção familiar, cujo cotidiano é bem diferente daqueles tratados nos livros didáticos com os conteúdos urbanos.

Deste modo por mais que a escola apresente estes projetos e tenha um viés ligado ao fortalecimento do campo, apresentando projetos dedicados ao mesmo, é possível observar uma face excludente da educação visto que a mesma não possui um currículo, ou mesmo PPP, que favoreça de fato a cultura do campo e agricultura familiar, interferindo na permanência desses alunos no bairro e em sua própria atividade produtiva, sendo necessário o resgate desse modo de produção e a valorização da agricultura familiar frente a uma lógica capitalista de mercado que visa extingui-la dessas localidades.

5.4. Relação com o lugar: afetividades e vivências do rural e a escola como papel fundamental nesse contexto

Partindo desta análise histórica do bairro e da escola que nele se localiza, que se realizou uma busca em tentar associar estes estudos de campo com a questão do espaço a fim de entender o lugar e como esses alunos estão inseridos no mesmo e se reconhecem como produtores desse espaço rural (no caso a escola e o bairro rural). Segundo Fernandes (2005, p. 28-29),

[...] O campo pode ser pensado como território ou como setor da economia. O significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias. Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana.

E é seguindo essa lógica territorial que procuramos entender o papel da escola atrelado a produção familiar desse local, pois, como destacado pelo referido autor, este é um espaço onde se realiza diferentes atividades da dimensão humana, no qual se procura compreender o aluno e a sua percepção do lugar no qual reside.

O bairro apresenta múltiplos significados a sua população, servindo como moradia, local de descanso, fornecendo alimentos, trazendo renda às famílias e propiciando a sociabilidade entre os moradores. Papel esse muito bem exercido pela escola que se torna um elemento importante dentro desse estudo.

Apesar de seu currículo um tanto quanto enraizado em elementos do urbano, seja ele para obter resultados ou mesmo para nivelar uma educação vista como padronizada pelas instituições de ensino e secretarias, a E. M. Rio do Peixe II se esforça em trazer por meio de suas aulas a realidade do campo para a sala de aula.

A valorização do campo se faz presente através da vivência e da contextualização correta do espaço e da leitura de seu cotidiano, haja vista que a educação do campo possui papel importante na formação educacional e político cidadã desses indivíduos formando assim, não apenas trabalhadores rurais mas sim sujeitos políticos.

Porém, no dizer das professoras entrevistadas a escola apresenta dificuldades em destacar a realidade do sujeito pertencente ao campo, por inúmeros fatores, dentre eles e talvez o mais impactante para o rompimento da afetividade desses indivíduos com o local, é o currículo voltado a questões do urbano. Na fala de uma das professoras:

Fizemos um profundo estudo da BNCC, e agora utilizamos o Currículo Referência de Minas Gerais. Mas infelizmente, não conseguimos “amarrá-lo

às necessidades do Campo e para o Campo. Penso que é devido aos objetivos numéricos, resultado das avaliações externas que são padrão avaliativo. (Prof.^a, I, II e III)

Evidenciando uma educação urbanizada, que não se apropria do campo para suas análises e discussões, fazendo com que esse modelo de ensino seja fragmentado e não possua total eficácia como se esperava. Haja vista que, para uma educação que de fato seja voltada ao rural é preciso que se tenha uma organização curricular da escola, e se elabore uma metodologia de ensino eficaz e aplicável pelo professor como destacam Cruz e Azevedo (2019).

Atrelada a essa análise, ainda é possível considerar válida a aplicação do ensino de Geografia nesse contexto, a fim de auxiliar como principal ferramenta de leitura do espaço, consequentemente de suas diversas produções a aplicabilidades, com intuito de dar a esses alunos material suficiente para construir sua própria percepção de espaço, construindo indivíduos críticos e pensantes que valorizem suas origens e se orgulhem de estarem e estudarem no rural.

Nesse sentido, é necessária uma leitura mais crítica sobre esses modelos de ensino, pautados em currículos que sejam capazes de indicar o seu grau de aplicabilidade, no ensino e aprendizagem desses alunos, com o intuito de avaliar não somente o papel da escola no fortalecimento dos laços com o lugar. Mas também, de que maneira a formação desses profissionais que atuam na prática voltada ao campo, devem ser abordadas sendo capaz de criar condições, para que esses indivíduos estabeleçam com o lugar, uma relação de pertencimento, e ao mesmo, de que forma ela é exercida, fazendo com que esses se sintam parte deste local no qual vivem e exercem suas atividades.

Ademais, por mais que a E. M. Rio do Peixe II esteja fortemente ligada ao bairro e exerça papel importante no mesmo, nota-se que a educação do/no campo ainda carece de muito incentivo, e preparo dos profissionais que ali exercem sua profissão. É necessário que se invista em uma educação emancipadora e que dialogue com a realidade desses indivíduos pois pouco se discute a realidade ou o cotidiano desses alunos uma vez que é seguido o livro didático que nem sempre é capaz de contextualizar toda essa realidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, sobre a educação do campo, bairros rurais e agricultura familiar, é possível constatar que as dinâmicas existentes nas localidades rurais, e vivenciadas nas escolas através das relações do homem com meio rural, enfrentam dificuldades em estabelecer um enfoque direcionado prioritariamente às vivências no sujeito do campo. Principalmente no atual cenário político ao qual estamos passando, onde a desvalorização da classe trabalhadora e do ensino são nítidas, e o enfoque na educação técnica profissionalizante mercadológica, pautada em uma educação bancária tem se tornado o principal método educacional. A atual situação do rural, em especial quanto se trata da valorização do campo se faz presente através da vivência e da contextualização correta do espaço e da leitura de seu cotidiano, fator esse possível somente com uma educação do campo emancipatória, na qual bairro e escola caminhem juntos, seja por meio das políticas públicas, projetos pedagógicos atrelados a uma formação especializada e ao currículo que dê a esses indivíduos uma formação destinada para o campo e no campo.

O não cumprimento do papel do Estado aos indivíduos residentes no campo acarreta em uma série de perdas a população que nele vive, iniciando pela falta de incentivo e de estruturas básicas para sua permanência, contribuindo para a intensificação do êxodo rural, a desvalorização do campo a falta de escolas o transporte público precário, profissionais sem preparo para lecionar e currículos totalmente urbanos são os grandes vilões na busca por um resgate da cultura desses espaços rurais.

Tendo em vista que essas questões ligadas a modernização do campo e a reestruturação do bairro modificando os modelos de produção familiar e fortalecendo a construção de loteamentos, o bairro Rio do Peixe, é visto como um novo rural, ainda que nele permaneçam traços do antigo, este novo se faz presente dentro das estruturas familiares, sendo reflexo da instituição de ensino, e das relações cotidianas presentes no lugar.

Ademais, o embasamento teórico, em contraponto com a realidade vivenciada pelo autor desse trabalho leva, ao mesmo, à compreensão de que é necessário discutir e incentivar cada vez mais a existência de unidades de ensino e formação de profissionais voltadas para compreender os espaços rurais e suas dinâmicas. Haja vista que a geografia é uma ciência dinâmica atrelada sempre a transformações, o que a torna ainda mais atraente a pesquisa pois há sempre o que entender a respeito do rural.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em Perspectiva**. v. 11, n. 2, Abr./Jun./1997, p.73- 78.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O Bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

CALLAI, H. C. **A Formação do Profissional da Geografia: O Professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2003.

CARNEIRO, M. J. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, L. F. de C.; FLEXOR, G.; SANTOS, R. (org.) **Mundo Rural Brasileiro**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, p. 225-269, 2008.

COSTA, C. L.; SANTOS, J. R. **Abordagem qualitativa na pesquisa sobre ensino de geografia no campo**: desafios e perspectivas. Revista Percurso- NEMO Maringá, v. 3, n. 2, p. 61- 77, 2011 ISSN: 2177- 3300. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/13982>. Acesso em 03 dez. 2018

COSTA, V. M. H; OLIVEIRA, A. R. Desenvolvimento territorial: sociabilidade, solidariedade e capital social. In SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA 3 / SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2. UNESP, Presidente Prudente, 2005. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/Alecio%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em; 29 nov. 2018.

CRUZ, E. C. F. **Bairros rurais do Sul de Minas Gerais**. Labor & Engenho, Campinas [SP], Brasil, v.3, n.1, p.21-41, 2009. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/1848/1966. Acesso em 03 dez. 2018.

CRUZ, Abigail Bruna da; AZEVEDO, Sandra de Castro de. **Geografia escolar e escola no campo: investigações sobre a educação geográfica numa escola rural com currículo urbano**. Revista NERA, v. 22, n. 46, p. 133-155, jan.-abr. 2019.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. in MOLINA, M. C. **Educação do campo e pesquisa**: Questões para reflexão. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000120&pid=S0101-3262200700020000400007&lng=pt. Acesso em 24 nov. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALLEY, B. M. Bairro rural-bairro urbano: um revisão conceitual. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 18, n. 3, 2014, p. 577-593. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/82793>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MEDRADO, C. H. S. Prática pedagógica em classes multisseriadas. **Entrelaçando**. n. 6, v. 2, Set.-Dez. 2012, p. 133-148. Disponível em:

<https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/186?download=196:10-prticas-pedaggicas-em-salas-multisseriadas-henrique-pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; ROBL, Douglas Machado. **Educação rural, saberes e desenvolvimento local**. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (Orgs.). Expressões da Re-Territorialização do Campo Brasileiro. Porto Alegre: ComPasso Lugar-Cultura e Imprensa Livre. p. 171 – 193. 2013.

MOREIRA, A. M. **Estudo comparativo do uso da terra em unidades de produção familiar no nordeste paraense**. 2008. 88p. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2860/1/Dissertacao_EstudoComparativoUso.pdf> Acessado em: 05 mar. 2021.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M. **O lugar como uma construção social**. *Revista Formação* (Presidente Prudente), n. 14, v. 2, p. 48-60, 2008.

MOREIRA, E. V. **As múltiplas fontes de rendas e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente-SP**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96750>. Acesso em 01 dez. 2018.

NOSSA escola, nossa história. Três Corações: Escola Municipal Rio do Peixe II. Impresso, s.d.

OLIVEIRA, A. R. **Bairros rurais de Anhumas-SP: espaço, história e organização**. Tese (Doutorado em Sociologia). 210 f. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106264>. Acesso em: 23 nov. 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. M. **Educação do campo e práticas cotidianas das crianças na unidade de produção familiar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Instituto de Ciências da Natureza. Universidade Federal de Alfenas, 2015

TRÊS CORAÇÕES. Secretaria Municipal de Educação de Três Corações. Plano Decenal de Educação 2015 – 2024.

POMPEU, D. S. S. **O desenvolvimento urbano de Três Corações-MG e seu plano diretor 2006**. 198 f. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017. Disponível em: <http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/19232/1/DesenvolvimentoUrbanoTres.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PREFEITURA DE TRÊS CORAÇÕES. **Estatísticas**. Disponível em: <http://www.trescoracoes.mg.gov.br/>. Acesso em 02 dez. 2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES; INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Leitura Técnica e Prognóstico Preliminar**. Revisão do plano diretor de desenvolvimento urbano ambiental de Três Corações/MG, 2017,

SOUZA. P. C. HESPANHOL, A. N. Bairros Rurais e resistência: a formação das comunidades rurais no oeste paulista. *Revista Campo-Território*, n. 10, 2010, p.168- 193.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11956>. Acesso em: 05 dez. 2018.

SOUZA, M. L. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr./jun. 1989.

THIESEN, J. S. **Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem de ensino**. Revista Geografia Ensino & Pesquisa, v.15, n.1, p. 85-95, jan./abr. 2011.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. (Ed.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 21-55.

WANDERLEY, M. N. B. . Raízes históricas do campesinato brasileiro. XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20º., Caxambu/MG, 1996. **Anais...** Caxambu/MG. Outubro 1996. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-5.pdf> Acessado em: 08 mar. 2021.

WIZNIEWKY, Carmen Rejane Flores. **O professor de geografia na construção da educação do campo a partir da significação do lugar**. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (Orgs.). **Expressões da Re-Territorialização do Campo Brasileiro**. Porto Alegre: ComPasso Lugar-Cultura e Imprensa Livre. 2013.

ANEXO 1- Roteiro de entrevista com os moradores mais antigos do bairro rural Rio do Peixe - Três Corações/MG.

- 1) O senhor (a) se recorda como era o bairro no começo?
- 2) Recorda-se como se deu a fixação das primeiras residências no bairro?
- 3) Quais eram as famílias que vieram no bairro naquela época? Quais ainda permanecem no bairro até hoje?
- 4) Como era a relação entre elas? E hoje?
- 5) Quais as principais atividades exercidas naquela época no bairro? Que culturas plantavam? E hoje?
- 6) Além de trabalharem na propriedade de vocês, também trabalhavam para outros proprietários? E hoje?
- 7) Havia festas religiosas no bairro? Como eram? Continuam existindo hoje?
- 8) Com que frequência vocês visitavam a cidade? Por quê? O que costumavam comprar lá? E hoje?
- 9) Qual é a importância da escola para o bairro? Por quê?
- 10) Existem opções de lazer para os jovens no bairro? Antigamente existia?
- 11) Quais as mudanças que o senhor (a) destaca que ocorreram no bairro com o tempo? Porque elas ocorreram?
- 12) Como o senhor (a) vê o bairro hoje, melhorou ou piorou com relação ao passado? E no futuro, como acha que será?

ANEXO 2- Roteiro de entrevista com as professoras da E.M RIO DO PEIXE II localizada no bairro rural Rio do Peixe - Três Corações/MG

- 1) Nome, idade, área de atuação na escola.
- 2) A quanto tempo leciona ou lecionou nesta escola?
- 3) Como era a escola no início, e como ela está atualmente?
- 4) O que notou de transformação ao longo do tempo no bairro e na escola? (destacar aspectos positivos, mas também negativos)
- 5) Qual a importância da escola para o bairro? Por quê?
- 6) Considera importante a utilização de um currículo pautado nas questões do rural?
- 7) Acredita que a escola impacta na vida e na permanência das crianças e adolescentes no bairro auxiliando seus pais na agricultura e demais atividades ali desenvolvidas?
- 8) Qual o papel que a escola tem na vida dos moradores desse bairro?
- 9) Considera o ensino pautado em visões do rural importante?
- 10) Destaque em quais âmbitos a escola contribui para uma formação mais crítica e emancipatória para o sujeito do rural.
- 11) Em suas aulas costuma debater assuntos do cotidiano rural?
- 12) Como você vê o ensino ofertado no rural?

ANEXO 3 - Roteiro de entrevista com a diretora da E.M RIO DO PEIXE II localizada no bairro rural Rio do Peixe - Três Corações/MG

- 1) Nome, idade, tempo de atuação na escola. (Não serão expostos o nome somente as abreviações ou se preferir nomes fictícios)
- 2) Como era a escola no início, e como ela está atualmente?
- 3) Quais os maiores desafios encontrados na gestão de uma escola rural?
- 4) Há incentivo público para a escola do bairro?
- 5) O que notou de transformação ao longo do tempo no bairro e na escola? (destacar aspectos positivos, mas também negativos)
- 6) Qual a importância da escola para o bairro? Por quê?
- 7) Como é elaborado o PPP da escola? Considera importante a utilização de um currículo pautado nas questões do rural?
- 8) O currículo utilizado na escola faz uso da BNCC ou CBC Mineiro? Se sim como o mesmo é colocado em prática? Por meio de livros didáticos?
- 9) Acha importante a implementação de projetos que valorizem o cotidiano do rural?
- 10) Acredita que a escola impacta na vida e na permanência das crianças e adolescentes no bairro auxiliando seus pais na agricultura e demais atividades ali desenvolvidas?
- 11) Qual o papel que a escola tem na vida dos moradores desse bairro?
- 12) Considera o ensino pautado em visões do rural importante?
- 13) Como você vê o ensino ofertado no rural? Acha que a E.M. Rio do Peixe tem a mesma qualidade de ensino das escolas do urbano?